

Que tem de grande alguém tão corrente como São José?

José era artesão da Galileia, um homem como tantos outros.

Que pode esperar da vida um habitante de uma aldeia perdida, como era Nazaré?

Apenas trabalho, todos os dias, sempre com o mesmo esforço.

E, no fim da jornada, uma casa pobre e pequena, para recuperar as forças e recomeçar...

São José artesão

Tanto S. Mateus como S. Lucas nos falam de S. José como varão descendente de uma estirpe ilustre: a de David e de Salomão, reis de Israel. Historicamente, os pormenores dessa descendência são algo confusos. Não sabemos qual das duas genealogias que os evangelistas trazem corresponde a Maria – Mãe de Jesus, segundo a carne – e qual a S. José, que era seu Pai segundo a lei judaica. Nem sabemos se a cidade natal de José era Belém, onde se dirigiu para se recensear, ou Nazaré, onde vivia e trabalhava.

Sabemos, no entanto, que não era uma pessoa rica; era um trabalhador como milhões de homens no mundo. Exercia o ofício fatigante e humilde que Deus escolheu também para Si quando tomou a nossa carne e viveu trinta anos como uma pessoa mais entre nós.

(*Cristo que Passa*, n. 40)

Ver também: **página especial sobre São José**

Como dizíamos, José era artesão da Galileia, um homem como tantos outros. E que pode esperar da vida um habitante de uma aldeia perdida, como era Nazaré? Apenas trabalho, todos os dias, sempre com o mesmo esforço. E, no fim da jornada, uma casa pobre e pequena, para recuperar as forças e recomeçar o trabalho no dia seguinte.

José = “Deus acrescentará”

Mas o nome de José significa em hebreu *Deus acrescentará*. Deus dá à vida santa dos que cumprem a sua

vontade dimensões insuspeitadas, o que a torna importante, o que dá valor a todas as coisas, o que a torna divina. À vida humilde e santa de S. José, Deus acrescentou – se me é permitido falar assim – a vida da Virgem Maria e a de Jesus Nosso Senhor. Deus nunca se deixa vencer em generosidade. José podia fazer suas as palavras que pronunciou Santa Maria, sua Esposa: *Quia fecit mihi magna qui potens est*, fez em mim grandes coisas Aquele que é todo poderoso *quia respexit humilitatem*, porque pôs o seu olhar na minha pequenez.

José era efetivamente um homem corrente, em quem Deus confiou para realizar coisas grandes. Soube viver exatamente como o Senhor queria todos e cada um dos acontecimentos que compuseram a sua vida. Por isso, a Sagrada Escritura louva José, afirmando que era justo. E, na língua hebreia, justo

quer dizer piedoso, servidor irrepreensível de Deus, cumpridor da vontade divina; outras vezes significa bom e caritativo para com o próximo. Numa palavra, o justo é o que ama a Deus e demonstra esse amor, cumprindo os seus mandamentos e orientando toda a sua vida para o serviço dos seus irmãos, os homens.

(Cristo que Passa, n. 40)

Ensinou o ofício a Jesus

Mas, se José aprendeu de Jesus a viver de um modo divino, atrever-me-ia a dizer que, no aspeto humano, ensinou muitas coisas ao Filho de Deus. Há qualquer coisa que não me agrada no título de pai adotivo com que às vezes se designa José, porque tem o perigo de fazer pensar que as relações entre José e Jesus eram frias e externas. Certamente que a nossa fé nos diz que não era pai segundo a

carne, mas não é essa a única paternidade.

«A José – lemos num sermão de Santo Agostinho – não só se lhe deve o nome de pai, mas este é-lhe devido mais do que a qualquer outro». E continua: «Como era pai? Tanto mais profundamente pai, quanto mais casta foi a sua paternidade. Alguns pensavam que era pai de Nosso Senhor Jesus Cristo da mesma forma que são pai os outros, que geram segundo a carne e não recebem os seus filhos só como fruto do seu afeto espiritual. Por isso, diz S. Lucas: pensava-se que era pai de Jesus. Porque diz apenas ‘pensava-se’? Porque o pensamento e o juízo humanos referem-se àquilo que costuma acontecer entre os homens. E o Senhor não nasceu do germe de José. Mas à piedade e caridade de José nasceu um filho da Virgem Maria, que era Filho de Deus».

Jesus tinha o *aspetto* de José

José amou Jesus como um pai ama o seu filho, tratou-o dando-lhe tudo que de melhor tinha. José, cuidando daquele Menino como lhe tinha sido ordenado, fez de Jesus um artesão: transmitiu-lhe o seu ofício. Por isso, os vizinhos de Nazaré falavam de Jesus chamando-lhe indistintamente *faber e fabri filius*: artesão e filho do artesão. Jesus trabalhou na oficina de José e junto de José. Como seria José, como teria atuado nele a graça, para ser capaz de levar a cabo a tarefa de desenvolver no *aspetto* humano o Filho de Deus?

Por isso, Jesus devia parecer-se com José no modo de trabalhar, nos traços do seu carácter, na maneira de falar. No realismo de Jesus, no seu espírito de observação, no seu modo de se sentar à mesa e de partilhar o pão, no seu gosto por falar dum modo concreto tomando como exemplo as

coisas da vida corrente, reflete-se o que foi a infância e a juventude de Jesus e, portanto, a sua convivência com José.

Não é possível desconhecer a sublimidade do mistério. Esse Jesus que é homem, que fala com o sotaque de uma determinada região de Israel, que se parece com um artesão chamado José, esse é o Filho de Deus. E quem pode ensinar alguma coisa a Deus? Mas é realmente homem e vive normalmente: primeiro como menino; depois, como rapaz que ajuda na oficina de José; finalmente como homem maduro, na plenitude da idade. *Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens.*

(Cristo que Passa, n. 55)

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/que-tem-de-grande-alguem-tao-corrente-como-sao-jose/> (27/01/2026)